

O CONHECIMENTO TRADICIONAL DOS AGROEXTRATORES DE CIPÓ-TITICA DO AMAPÁ : UMA ABORDAGEM ETNOECOLÓGICA

Luciano Araujo Pereira¹; Ana Rita Rodrigues Vieira²; Maria José Reis³.

PALAVRAS-CHAVE: cipó-titica, etnoecologia, conhecimento tradicional, agroextratores.

INTRODUÇÃO

Inúmeros estudos realizados pela etnoecologia têm demonstrado a diversidade e a extensão dos saberes e das técnicas desenvolvidas por populações tradicionais. Isso tem proporcionado maior debate e a possibilidade de compreendermos a dinâmica utilizada por estes segmentos sociais, para que se possa melhor utilizar suas técnicas, seja através dos recursos disponíveis no meio ambiente, que foram por eles utilizados, seja para adaptar esses recursos às novas necessidades (CASTRO, 2000).

No caso das práticas produtivas em uma região como a Amazônia, marcada pela presença de diferentes culturas locais e regionais (indígenas, nordestinos, sulistas, pantaneiros, quilombolas etc) o que se pode constatar é uma convivência e uma conjugação de modos diferentes de praticar não só as atividades agroextrativas, mas as atividades cotidianas de um modo geral, com diferentes significados e também conflitos que demarcam territórios de “modos de fazer”, nas práticas cotidianas de plantar, colher, armazenar ou coletar. Essa necessidade de aprofundamento sobre o conhecimento tradicional envolvido exige ferramentas que auxiliem na investigação das “diferenças” em manejar os cipós e podem melhor fundamentar a forma de manejar a espécie.

Quando se fala de extrativismo, essas pesquisas comumente se detêm mais nos resultados quantitativos da extração, desconsiderando ou relegando esse conhecimento tradicional a um segundo plano. Portanto, a abordagem sobre o conhecimento tradicional – individual ou coletivo – proposta por NAZAREA (1999) a qual se denomina de “*o papel da cognição na organização do comportamento*” é deixada de lado. Deve-se, também, explicitar o processo concreto de produção desse conhecimento o que TOLEDO (1992) define como um fator resultante das conexões entre *corpus*⁴ e *praxis*⁵.

¹ Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA – Mestre em Agroecossistemas, luciano.araujo@iepa.ap.gov.br.

² Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Dra. Prof. do PGAGR.

³ Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, Dra. Prof. Aposentada.

⁴ “Conjunto de conceitos e símbolos em relação à natureza” (TOLEDO, 1992).

Vale lembrar que não existe, na realidade, nenhum grupo social que tenha desenvolvido uma tecnologia por uma estratégia de saber pelo saber, pois as tecnologias possuem sempre um objetivo prático. De acordo com POSEY (2001), aqueles que estudam o conhecimento tradicional e tentam encontrar explicações modernas para o mesmo, não propõem que o mundo reverta ao estado de existência tribal. Para o autor, estes pesquisadores estão meramente fazendo um chamado a todos para que acabem com a distribuição insensata dos recursos naturais do planeta e dos povos nativos, que melhor os conhecem.

Em linhas gerais, o presente trabalho concentrou-se na obtenção de informações sobre a exploração do cipó-titica, analisando as práticas e o conhecimento tradicional de manejo realizado pelos agroextratores residentes às margens da Rodovia Perimetral Norte, no estado do Amapá.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa etnoecológica objetivou focar as características que permitiram resgatar as concepções e o comportamento dos agroextratores em relação aos recursos naturais. Neste processo concreto foi fundamental conhecer as relações de saber tecnológico dos agroextratores, por ser um saber experimental passado de pai para filho, que é um conhecimento empírico da sua realidade imediata, assim definida por GRZYBOWSKI (1987), em estudo com agricultores tradicionais.

Foram efetuadas 18 entrevistas semi-estruturadas com as famílias de agroextratores moradores às margens da rodovia Perimetral Norte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O manejo de cipó-titica praticado pelos agroextratores da região em estudo pode ser considerado como adequado, devido ao fato de ser praticado, geralmente, em menor escala, onde é coletado, aproximadamente 20 kg de cipós/dia/coletor. Quando acontece de ser retirada uma maior quantidade de cipós na área de coleta, no máximo, vai estar presente de quatro a cinco pessoas da família ou uns poucos vizinhos, ocorrendo um baixo impacto ambiental na área coletada.

Para os agroextratores entrevistados, a coleta deveria ser feita no período do verão. Essa preferência de período justifica-se pela menor atividade agrícola e uma

⁵ “Conjunto de operações práticas através das quais se dá o manejo do ecossistema”.

menor intensidade de chuvas na região, uma vez que as chuvas deixam vários locais alagados, principalmente por ser uma região com grandes áreas de igapós, ou mesmo de florestas de várzea.

Grande parte dos agroextratores entrevistados afirmou procurar coletar apenas os cipós classificados como “maduros”, que são aqueles que, ao se cortar com a unha, demonstram permitir a separação, com facilidade, da casca em relação à fibra, que é utilizada para o artesanato – com posterior facilidade, ainda, de arrancar a casca com uma faca, para o seu beneficiamento final.

Outra característica também utilizada pelos agroextratores para diferenciar o cipó pronto para a coleta é seu diâmetro. Esse deve possuir, em média, cerca de 3 cm de circunferência. Por último, uma característica de suma importância é a distância dos internós ao longo dos cipós que serão coletados: deve-se procurar coletar somente os cipós que possuam uma quantidade mínima de internós, dando preferência àqueles com uma distância de pelo menos 1,5 metros de comprimento. A preferência pelos cipós com internós, acima de no mínimo 1,5 metros, dá-se devido a uma exigência do mercado comprador de cipós, pois esses compradores (empresários ou seus representantes) descartam todos os cipós com um tamanho abaixo dessa medida padrão.

Nas várias demonstrações de coletas realizadas, informalmente, pelos agroextratores entrevistados, muitos deles preferiram arrancar o cipó-titica um a um, segurando sua parte inferior (próximo ao solo), e com a mão direita, passando por trás das costas a parte superior do cipó, com o intuito de forçá-lo para baixo e para trás.

Quanto à periodicidade de coleta nas áreas de extração, os agroextratores afirmaram que o tempo de pousio varia de dois a quatro anos, sendo que esse período modifica conforme a quantidade de cipós na área e a quantidade de cipós coletados por árvore etc.

Não há indicação relacionada a conhecimentos sobre mudanças de comportamento da planta em relação a fases da lua ou a quaisquer condições ambientais (apesar de alguns entrevistados terem demonstrado acreditar que a planta do cipó-titica nasce em cima da árvore em que hospeda ou que a planta do cipó-titica não possui nem flor e nem fruto). Entretanto, nas conversas informais com agroextratores tradicionais, alguns acreditam que a planta nasce de uma formiga denominada popularmente de tucandeira (*Paraponera spp*) que, ao envelhecer, transforma-se em uma semente, nascendo uma plântula de cipó-titica. Aliás, esse mito da origem do cipó-titica ser de uma

formiga é compartilhado por grande parte dos coletores de cipós na Amazônia brasileira, conforme já descrevia DURIGAN (1998) em pesquisa de campo naquela região.

CONCLUSÕES

A pesquisa efetuada pôde mostrar que os agroextratores possuem uma gama de informações como por exemplo: a quantidade e qualidade dos cipós coletados, a espessura, a quantidade e a freqüência de internós nos cipós, a época de coleta dos cipós, dentre outras, que podem subsidiar o poder público num possível redirecionamento na metodologia de pesquisa e de extensão rural no Estado, direcionando para uma possibilidade de gestão participativa e de envolvimento sustentável do ambiente.

A bagagem de conhecimento que os agroextratores adquiriram ao longo dos anos, além de ser importante na consolidação de uma política de meio ambiente para o Estado, deve ser encarada como mecanismo que poderá subsidiar o Estado numa política rural tanto para os cipós, como para a agricultura como um todo, uma vez que os mesmos são agricultores e extratores ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, E. Território, Biodiversidade e Saberes de populações Tradicionais. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação – novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec. NUPAUB-USP. 2000. p. 165-182.

DURIGAN, C.C. Biologia e extrativismo do cipó-titica (*Heteropsis spp.* – Araceae) – estudo para avaliação dos impactos da coleta sobre a vegetação de terra firme no Parque Nacional do Jaú. 1998. 52 f. Dissertação (mestrado) – Universidade do Amazonas, INPA, Manaus. GRZYBOWSKI, C. O saber dos camponeses em face do saber dos técnicos. [s.l]:FASE, 1987, p. 60-63.

NAZAREA, V. D. “View from a Point: Entnoecology as Situated Knowledge. In: NAZAREA, V. D. (Org.). **Etnoecology: situated Knowledge/located lives**. The University of Arizona Press, 1999. p. 03-20.

POSEY, D. A. Interpretando e utilizando a “realidade” dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos? In: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. DE C. (Org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB-USP. 2001. p. 279-294.

TOLEDO, V. M. “What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline”. In: **Etnoecológica**, México v. 1., 1992. p. 5-21.